



Jonathan Swift

Introdução de Leonardo Pogliã Vidal¹

Jonathan Swift nasceu em 30 de novembro de 1667 em Dublin, na Irlanda. Seus pais eram protestantes anglo-irlandeses, mas isso é quase incidental na vida de Swift: o pai, também Jonathan, morreu dois meses antes de seu nascimento e sua mãe, Abigail, se mudou para a Inglaterra, deixando Swift ao cuidado de parentes. Em 1673 ele ingressou na escola Kilkenny, a melhor da Irlanda. Depois frequentou o Trinity College, em Dublin, se graduando em 1686. Quando o colégio foi fechado pela Revolução Gloriosa, de 1688, Swift foi para a Inglaterra, buscando entrar para a Igreja Anglicana. Em 1689 começou a trabalhar para Sir William Temple em Moor Park, em Surrey, onde foi apresentado a duas circunstâncias que o acompanhariam em sua trajetória: Esther Johnson ('Estella'), que viria a ser seu grande amor, e os sintomas do Mal de Ménière – tonturas e náuseas. Em 1695 se sagrou padre da Igreja da Irlanda, parte da Igreja Anglicana.

Em 1700 Swift foi nomeado para a paróquia de St. Patrick, em Dublin – tendo que fazer, a contragosto, o caminho de volta à Irlanda. No ano seguinte, se fez doutor pela Universidade de Dublin. Em 1704 publicou anonimamente *A História de um Tonel*, uma sátira dos três ramos do cristianismo em que três irmãos, Jack (de John Calvin, fundador do Calvinismo), Pedro (do fundador do Catolicismo) e Martin (de Martinho Lutero, fundador do protestantismo) herdaram do pai três casacos em que, por conta do testamento, não podem fazer

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

modificações – o que, obviamente, não acontece; A Batalha dos Livros, uma sátira em que livros ganham vida e travam uma batalha para determinar quem era superior: se os Antigos ou os Modernos; e também A Operação Mecânica do Espírito, uma palestra sobre como elevar o espírito humano – leia-se ‘manipular os fiéis’. Em 1708, publicou sátiras contra o astrólogo John Partridge e outros panfletos sobre questões religiosas, inclusive Um Argumento Contra a Abolição do Cristianismo. Em 1710 virou o editor do jornal *The Examiner*, escrevendo também a série de cartas a Esther Johnson que mais tarde seria publicadas como *O Diário para Estella*. Em 1713 foi nomeado Deão da Catedral de St. Patrick – outra promoção de que não gostou.

Com a morte da rainha Anne, em 1714, e a ascensão de George I (de facção política contrária à de Swift), retornou à Irlanda. Se Swift se casou com Esther Johnson (não se sabe ao certo), foi em 1716. Em todo caso, algo o andou distraíndo, pois só começou a escrever em 1718. Em 1724-25 escreveu *As Cartas de Drapier*, contra a cunhagem privada de moedas (obra muito popular na Irlanda). 1726 foi o ano de publicação de *Viagens de Gulliver*.

É o escrito mais conhecido de Swift, e talvez um dos mais mordazes. São quatro viagens, cada uma causada por um naufrágio que coloca o protagonista em contato com uma sociedade diferente. Na primeira, para Lilliput, Gulliver desfruta da companhia das pessoas pequenas (semelhantes à corte da rainha Anne), em que guerras são travadas por futilidades e os méritos das pessoas julgados pela aparência ou por malabarismos sociais. A segunda viagem é para Brobdingnag, a terra das pessoas grandes, que se entretêm amavelmente com o pequeno visitante e sentem desgosto por suas descrições da sociedade inglesa, em especial em relação à guerra. A terceira viagem leva Gulliver a vários lugares. Primeiro, o viajante visita a ilha flutuante de Laputa, habitada por cientistas alienados do mundo à sua volta, que dominam com sua ilha os territórios abaixo, mas estão tão completamente voltados para assuntos astronômicos e celestiais que precisam de um servo lhes bata com uma bexiga nos ouvidos ou na boca quando é sua hora de falar durante uma conversa. Na academia de Lagado, a capital, os estudiosos passam a vida fazendo inventos que ou não funcionam, ou prejudicam as pessoas. Este texto já havia sido escrito há alguns anos, e foi inserido por Swift em *Viagens de Gulliver*. Deriva de uma aposta feita no Scriblerus Club entre Alexander Pope, John Gay e Swift sobre quem escreveria a melhor sátira contra os excessos provocados pelo entusiasmo com o Iluminismo e os progressos científicos ligados à Revolução Industrial. Depois o viajante vai a Maldonada, e visita Glubbudrib, terra de magia em que tem a oportunidade de falar com as sombras de figuras históricas e descobre a impostura da História oficial. Finalmente, em Luggnagg, descobre os *struldbrugs*, imortais que envelhecem continuamente, para sempre, sendo despojados de seus bens materiais e vivendo como mendicantes isolados da sociedade. Assim, a ideia de mortalidade e do desejo de uma vida longa são colocadas em uma perspectiva

diferente - de que adiantaria viver muito, se na velhice nossas faculdades tendem a desaparecer? Nessa terceira viagem, vão caindo por terra, uma a uma, as ilusões do viajante. Na quarta e última viagem ele encontra os Houyhnhnms, uma sociedade equina, onde descobre em seus habitantes a perfeita harmonia com a natureza. Isso é posto em contraste com a miséria, violência e estupidez muito humana dos animaisescos Yahoos, criaturas que a princípio o viajante não percebe como humanos, que acolhem todos os pecados da carne e colecionam pedras brilhantes. Temos, então, a Humanidade em uma sombria perspectiva, despida de toda ilusão e enfeite. Os fatos que levam o viajante à condição de naufrago, incitando cada viagem, também vão se tornando mais sombrios: primeiro naufraga por acidente, depois é abandonado, atacado por estranhos e, finalmente, por sua própria tripulação. O protagonista acaba suas aventuras enjoado com sua própria espécie.

Esther Johnson morre em janeiro de 1728. No ano seguinte, *Uma Modesta Proposta* (sátira feroz em que sugere que os muitos filhos dos católicos irlandeses pobres sejam devorados pelos ricos, para que não se tornem um transtorno à sociedade) é publicada. Entre 1727 e 1736 publica cinco volumes de *Miscelâneas*, com Pope. Durante os anos seguintes, Swift começa a sofrer de senilidade, até sua morte, a 19 de outubro de 1745.

Em seu livro *A Literatura Inglesa*², Anthony Burgess acredita ver em Swift “um ódio louco à humanidade” (BURGESS, 1985, p.185), e, graças ao tom sombrio de seus últimos escritos, há diversas referências à sua misantropia. A isso gostaria de contrapor que o verdadeiro misantropo não se incomodaria de escrever tantas obras advertindo a humanidade de seus vícios: que se lixe. Já o amor ao próximo nos leva não só a querer o bem do outro, mas também a ver suas falhas aumentadas – precisamente porque importam mais. Talvez, então, não fosse o desencanto de Swift com a humanidade, mas seu amor por ela, que o levaram a escrever como o fez. E essa versão, em minha opinião, é mais coerente tanto em relação à sua biografia quanto em relação ao conteúdo de seus escritos. Como Lemuel Gulliver descobriu em suas aventuras o ser humano, visto à distância (como Gulliver parecia ver mesmo os liliputianos próximos), parece bem feito e de bonita compleição. Mas quanto mais próximos chegamos dessa criatura mais defeitos vemos, e em Brobdingnag mesmo as pessoas de feições belas pareciam monstruosas. O epitáfio de Swift, de sua própria autoria, corrobora essa visão. Em seu túmulo, na Catedral de St. Patrick, está escrito:

Aqui jaz Jonathan Swift, doutor em Teologia e deão desta catedral. Sua indignação colérica não pode mais dilacerar seu coração. Passe, viajante, e imite, se puder, este que defendeu a causa da Liberdade.

2 BURGESS, Anthony. *A Literatura Inglesa*. São Paulo: Ed. Atica, 1985. tradução de Duda Machado.